

RELAÇÃO ENTRE VIRTUDE MORAL E PRUDÊNCIA EM ARISTÓTELES

SILVEIRA, Karina Ferreira¹; HOBUSS, João²

¹Universidade Federal de Pelotas, Graduanda do curso de Licenciatura em Filosofia; ² Profº. Dr. da Universidade Federal de Pelotas, ISP. João.hobuss@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho concentra-se em uma análise descritiva da obra “*Ética Nicomaquéia*” de Aristóteles, sobretudo, do livro VI. Neste livro é tratado a “doutrina da prudência” e a relação desta com a virtude moral. A afirmação de que o homem prudente existe já está implícito na definição de virtude no livro II da mesma obra. A prudência é uma virtude intelectual e a única que atua no interior da virtude moral. A partir disto, pretender-se-á evidenciar a relação das virtudes morais com a prudência, onde uma não existe sem a outra no campo da ação moral.

Para isso, será necessário salientar duas correntes filosóficas que interpretam a argumentação aristotélica acerca da conexão das virtudes. De um lado, há os que defendem que quem tem uma virtude possui todas as outras, logo, a prudência seria o conjunto das virtudes totais. Por outro lado, a tese moderada da conexão das virtudes, a qual será defendida neste trabalho, onde a virtude própria é adquirida através da prudência, sem sustentar que quem possui uma virtude possui todas as outras. Dessa forma, o que se sustentará é que Aristóteles estava preocupado com o caráter e a ação do homem virtuoso e, por isso, sua preocupação em apontar uma doutrina da conexão das virtudes. E, ainda, a preocupação em escrever anteriormente um livro sobre as virtudes morais e outro sobre a prudência, mostrando suas divisões e especificidades. É o livro da prudência que será tratado mais especificadamente aqui, pois é nele que Aristóteles faz a necessária relação entre prudência e virtude moral.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A pesquisa desenvolve-se por meio de uma análise e leitura, sobretudo, de uma das obras mais importantes do *corpus aristotélico*, a *Ética Nicomaquéia*, detalhando-se ainda, no livro VI. Saliento a importância da leitura dos principais comentadores, entre eles, Marco Zingano, Gauthier, Pierre Aubenque e Terence Irwin. Estes, por sua vez, contribuirão para um maior esclarecimento teórico acerca da argumentação aristotélica das virtudes. Dentre as interpretações, defender-se-á “uma doutrina moderada da conexão das virtudes”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando, sobretudo, a argumentação aristotélica acerca das virtudes em E.N. VI 13 passamos a investigar os graus da virtude que o agente possui através do seu modo de agir. Aristóteles afirma que o agente pode agir moralmente e adquirir uma disposição moral, sem, porém, agir como o prudente. Sem agir segundo a verdadeira apreensão de razões totais que levariam a fazer o que se deve fazer, pois é a partir da apreensão de razões que conduzem a fazer o correto, o justo, o bom. Antes desta apreensão de razões, o sujeito age segundo virtude natural, isto é, um agir segundo uma “certa disposição” que poderá ser boa ou má

para o homem, dependendo do seu caráter. Este modo de ser natural é importante, visto que não se pode esperar que todos os homens nasçam com disposições naturais para o bem. Dessa forma, Aristóteles manifesta outro tipo de virtude, que após ter adquirido a apreensão de razões, a virtude natural torna-se virtude moral própria: “depois de haver adquirido a razão, haverá uma diferença no seu modo de agir e sua disposição embora continuando semelhante ao que era, passará a ser virtude no sentido estrito da palavra.” (EN VI 13 1144b 12-13).

A prudência tem como característica a apreensão verdadeira de razões, não podendo ser contrária ao “bom”. As razões do prudente ocorrem por ela ser uma virtude intelectual que atua no âmbito da moralidade, ou seja, a prudência opera na ação moralmente boa do sujeito virtuoso. Por isso, a conexão necessária entre prudência e as virtudes morais próprias que o sujeito possui. O prudente por possuir a apreensão de razões aperfeiçoa a virtude natural tornando-a virtude própria.

A partir desta doutrina clássica da conexão das virtudes há duas teses contrárias que os intérpretes de Aristóteles defendem. Uma defende a *tese forte da conexão das virtudes*, ou seja, afirmam que Aristóteles ao tratar da relação entre virtude moral e prudência quis também dizer que a prudência é a totalidade das virtudes morais e, ainda, a afirmativa de “quem tem uma virtude possui todas”. No entanto, a outra tese se adapta melhor a argumentação aristotélica, isto é, a *tese moderada da conexão das virtudes*. Esta por sua vez, sustenta que o sujeito adquire virtudes morais próprias por intermédio da prudência, sem sustentar que quem possui uma virtude tem todas. O autor realça este ponto também em EN VII 3 1146^a 7-9: “Ao que acrescentamos o que foi demonstrado acima, a saber, que o prudente é um homem prático (é alguém que se ocupa dos fatos particulares) e que ele possui as outras virtudes”. Quando Aristóteles menciona que o prudente possui as outras virtudes ele trata da relação necessária entre prudência e as virtudes morais no tocante as ações morais, mas jamais do fato de que o sujeito teria todas as virtudes morais ao adquirir a prudência. Isto será demonstrado também em VI 13 1144b 30-35:

“Do que se disse fica bem claro que não é possível ser bom na acepção estrita do termo sem prudência, nem possuir tal prudência sem virtude moral. E desta forma podemos também refutar o argumento dialético de as virtudes existem separadas uma das outras, e o mesmo homem não é perfeitamente dotado pela natureza para todas as virtudes, de modo que poderá adquirir uma delas sem ter ainda adquirido uma outra”.

Logo, toda virtude moral própria é uma virtude acompanhada de prudência, pois a prudência é a apreensão de razões a título de virtude intelectual que opera no interior da virtude natural tornando-a virtude própria. Dessa forma a virtude intelectual da parte prática (a prudência) aperfeiçoa a virtude moral no interior da qual opera a apreensão de razões. Sendo assim, ela não pode existir sem a virtude moral, pois se efetiva em seu interior.

A prudência esta diretamente ligada à virtude do caráter, que em conformidade com a reta razão delibera bem e age bem em todas as circunstâncias. O homem prudente abstém-se de qualquer prazer enganador e justifica-se puramente na verdade e na temporalidade do futuro. Por isso, é no âmbito da ação moral que a prudência supõe as outras virtudes que o agente possui, pois, o prudente é um homem de sabedoria prática (ele que vê a verdade em cada circunstância) age de forma moralmente correta. O agente virtuoso, o prudente, nos casos particulares deverá escolher as melhores virtudes para utilizar em dada circunstância, sem, porém, precisar utilizar-se de todas. Para saber quais virtudes

utilizar em cada caso é necessário examinar as circunstâncias em que se encontra o agente. Por isso, o prudente necessita de um “bom” número de virtudes, sem necessariamente possuir todas e ao mesmo tempo, pois os casos são particulares e dependem da boa deliberação a partir da verdadeira apreensão de razões para bem se efetivar.

4 CONCLUSÃO

A partir da leitura e fichamento da obra *Ética Nicomaquéia* juntamente com as leituras dos principais comentadores já citados, concluo que, a sistematicidade da argumentação aristotélica pode nos levar há várias interpretações acerca da doutrina da conexão das virtudes. A partir das duas teses, penso que Aristóteles foi mais moderado ao tratar da relação entre prudência e virtudes morais, não se preocupou em reduzir a prudência em todas as virtudes morais ou ainda, afirmar “que quem possui uma virtude tem todas”. Acredito que a intenção seria mostrar o melhor caminho para agir virtuosamente, bem como, especificar qual o caráter do homem prudente. Nesta tentativa o autor percebeu que não se poderia agir virtuosamente sem a prudência, nem ser prudente sem virtude moral. Logo, a prudência por ser uma virtude intelectual participaria no interior da virtude própria, tornando-a perfeita. E através da repetição de atos justos, bons e corretos que o homem tornar-se-ia justo, bom e correto alcançando o fim desejado, que em sumo grau o conduziria a felicidade, próprio do homem que age prudentemente.

5 REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 2000.

ARISTÓTELES. **Nicomachean Ethics** (translated With introduction, notes, and glossary, by Terence Irwin). 2ª Ed. Indianópolis/Cambridge: Hackett, 1999.

ZINGANO, Marco. **Aristóteles: tratado da virtude moral; Ethica Nicomachea I 13-III 8**. São Paulo: Odysseus editora, 2008.

_____. **Estudos de Ética Antiga**. 2. edição. São Paulo: Discurso Editorial: Paulus, 2009.

_____. **Sobre a ética nicomaquéia de Aristóteles: textos selecionados /** Coordenação de Marco Zingano. São Paulo: Odysseus Editora, 2010.

HOBUSS, João. **Virtude e mediedade em Aristóteles**. Pelotas: Ed. Da UFPel, 2009.

_____. **(Ética das Virtudes)**. João Hobuss, organizador. Editora da UFSC, 2011. 280 p.